

Sobre *Dos Maus e Bons Pecados*

João Ricardo Lopes, após a publicação de quatro livros de poesia — e da melhor poesia com que a nova geração está a contribuir para o enriquecimento da lírica portuguesa — acaba de nos surpreender com um livro de crónicas de excelente recorte, ao nível do que de melhor, no género e na actualidade, os escaparates nos têm proposto. Refiro-me a *Dos Maus e Bons Pecados*, acabado de sair na recém-formada editora *Opera Omnia* — e não sei por que caprichos do acaso ou intervenção dos deuses se deu este encontro ideal de um jovem e irreverente autor com uma jovem e desalinhada chancela editorial, apostada em demonstrar, título a título, que nem só os bardos e os bardinos da capital, nédios de prestígio e auto-suficiência, têm assento à mesa das nossas letras. São autores e projectos como estes que podem operar o murro no estômago de uma culturazinha de boa consciência e pacíficas digestões que por aí medra, entre o *light* e o *rasca*, com uns fumos de vanguardismo mal assimilado e pior transvertido.

Começo por dizer que iniciei a leitura destas crónicas munido de circunspecta dúvida metódica e que cheguei à última com a satisfação plena e limpa de quem usufruiu horas e páginas de inegável e inequívoca qualidade, quer no aspecto meramente formal — uma escrita tersa e escorreita — quer, sobretudo, na multiplicidade, oportunidade e argúcia dos temas e problemas abordados. Mesmo tomando em conta a natural suspeição que nestes casos o elogio suscita, não me coíbo de vaticinar ao jovem autor um promissor percurso, queira ele manter acesa a chama que o anima e evitar entusiasmos fáceis de ruidosas consagrações. Mais do que uma promessa, esta obra confere ao cronista o estatuto de confirmado, não tendo eu engulhos em considerar estes textos na linha do que de melhor no género vão escrevendo Lobo Antunes, Mário Cláudio, Baptista Bastos ou Fernando Venâncio e escreveram os infelizmente já desaparecidos Alexandre O' Neill, Cardoso Pires ou Eduardo Prado Coelho.

São cinquenta e três peças de natureza variá, reunidas sob um título tão sugestivo e provocatório como ferido de heterodoxia. Pela moral religiosa não há pecados bons; eles são, em essência, todos maus, apenas variando a sua maldade (ou malignidade) de acordo com o preceituário transgredido e o maior ou menor grau de consciência transgressora. O título foi retirado de uma das crónicas (pg. 85) e nela o autor fala dos pequenos prazeres induzidos ou deduzidos pelas circunstâncias propiciadoras de pecado, sobretudo para a malta jovem: os locais de diversão nocturna com as insinuações eróticas de Madonna,

um pifozito, umas passas ou tragadas e, sobretudo, umas *teens* frenéticas e liberadas, se possível em mini-saia de cabedal...

Poder-se-ão classificar, quanto mais não seja como mera metodologia de análise e interpretação, portanto sem qualquer especial rigor hermenêutico, em três grupos principais: as de carácter autobiográfico, as de natureza interventiva no plano cultural e cívico e as de pura recreação ficcional. Não se encontrando datadas nem seriadas segundo qualquer critério apreensível, cabe ao leitor o exercício de estabelecer nexos temáticos, vivenciais, diacrónicos ou outros, à medida que, sem instrumentos de navegação, vai singrando pela viveza e imprevisibilidade dos textos.

João Ricardo Lopes é um jovem de trinta anos. Dir-me-ão que não é idade para se ter biografia, mas antes uma cartografia de sonhos a sonhar e de conquistas a haver. E em parte é verdade. Mas a vida, a intensidade com que é sentida e questionada, pode levar-nos a experimentar uma maturidade precoce, camuflada embora sob um exterior aspecto de juventude e despreocupação. Assim, aqui podemos surpreender, ao correr de muitas páginas, várias características da personalidade e várias vicissitudes do percurso nos trinta anos que o autor leva em conta e em balanço.

Desde a infância transcorrida na aldeia de S. Romão de Arões (Fafe), criança introvertida, avessa a aritméticas e a sonhar já com um empreguinho de marçano, ajudante de padeiro, bem longe dos correctivos da Dona Cassandra, a professora; à fase da adolescência, a contas com as freimas emergentes da natureza, denunciadas na detestável brotoeja a desfeiar o visual e na rascante metamorfose da voz a queimar os últimos cartuchos de auto-estima. Depois, progressivamente, desistiu da padaria, superou a crise das borbulhas cutâneas e seguiu o conselho de Sebastião peixeiro (depois comerciante de sapataria): “Não sejas burro e faz-te doutor”. Fez-se doutor (licenciado em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto) e caiu na desgraça de se tornar professor, daqueles que, pelo menos por enquanto, andam aí aos baldões, ao sabor das vagas e ao dissabor da precariedade. E tornou-se poeta e escritor, apaixonado pelas palavras, o fascínio que as envolve, a inesgotável energia que têm dentro.

Militante de causas e de valores, a que se entrega inteira e incondicionalmente, como se constata no breve relance sobre as crónicas de teor cultural e cívico. E começo por um registo em que melhor se evidencia a sua sensibilidade: o encontro com um pobre e anónimo poeta que se arrastava pela Ribeira portuense, trocando versos carregados de sentido por uns magros e míseros níqueis de sobrevivência e que, antes de se suicidar, lhe dedicara um derradeiro poema: “ao poeta que serás do poeta que eu nunca

fui” Mas também aqui nos surgem, em vigoroso traço ou comovida evocação, outras pessoas, lugares e eventos, como o Carlos Paredes e o sortilégio da sua guitarra, o encanto da Foz do Douro, a afabilidade do Dr. Lopes de Oliveira, a reinação das festas joaninas no Porto, a残酷za das touradas ou dos animais abandonados pelos respectivos donos, a simpatia dos lojistas de antanho e a crise estrutural do Benfica de hoje.

No que respeita a crónicas ficcionadas, elas não são muitas nem, em boa verdade, ficcionadas em absoluto. Direi antes que um filete de ficção percorre transversalmente muitas delas, mesmo algumas em que JRL mais se expõe como pessoa, mais se mostra vulnerável às agressões do quotidiano ou aos fluidos delicodoces de uma boa presença feminina. Curioso notar que em duas delas — «Devo ter envelhecido» (pg. 21) e «Esta coisa sem nome de nos pormos a olhar para o infinito» (pg. 137) — numa espécie de exercício de travestização, o autor põe-se na pele da mulher para, em obsessivos monólogos, lamentar a solidão, a perda do encanto físico, a erosão do desejo, a fragilidade do relacionamento amoroso.

No seu blogue — dias desiguais — caracterizando estas crónicas como “engraçadas e introspectivas, atravessadas de humor e sarcasmo” e reputando a crónica como um “género saboroso”, JRL apenas focou uma face e provavelmente não a mais expressiva deste livro. Porque, quando ele se diz “ébrio dos instantes” e sente “ganhas de arejar o mundo”, quando impregna esta centena e meia de páginas de um tão autêntico humanismo, não é bem a auto-satisfação solitária que seguramente o motiva; é, bem diversamente, a espora de um espírito inquieto e intervencivo, apostado em semear uns grãozinhos de esperança à margem dos caminhos por onde passa.

Braga, 25 de Outubro de 2007

Cláudio Lima

(Nota: Este texto foi republicado e incluído pelo seu autor em *Os meus amores – Letras do Minho*, Braga, Calígrafo, 2011)